

# ADMINISTRAÇÃO, PSICOLOGIA ORGANIZACIONAL E O PANORAMA ECONÔMICO E SOCIAL NA ERA DA PÓS-GLOBALIZAÇÃO

**De: Omar AKTOUF**

*Pós-globalização, administração e racionalidade econômica. A síndrome do avestruz. Tradução: Maria Helena C. V. Trylinski. São Paulo: Atlas, 2004. 297 p.*

**Por: Antonio Caubi Ribeiro Tupinambá**

*Professor Associado do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará. Professor visitante da Universidade de Lüneburg – Alemanha. Bolsista sênior da CAPES. Coordenador da Rede Internacional de Estudos e Pesquisas sobre Empreendedorismo e Liderança (Rinepe/UFC). Editor da Revista de Psicologia/UFC. E-mail: tupinamb@ufc.br/tupinamb@leuphana.de.*

**e Raquel Libório Feitosa**

*Mestre em Psicologia pela UFC. Psicóloga organizacional. Doutoranda pela École des Hautes Études Commerciales, Montreal, Canadá. Membro da Rede Internacional de Estudos e Pesquisas sobre Empreendedorismo e Liderança (RINEPE – UFC). E-mail: raquel.feitosa@ufc.br.*

O panorama da economia mundial e, principalmente, temas atuais na área da economia, da administração, da psicologia organizacional e outros correlatos foram exaustivamente tratados pelo professor Omar Aktouf em evento promovido em 2010 pela Rede Internacional de Estudos e Pesquisas sobre Empreendedorismo e Liderança (RINEPE – UFC).

Passamos, com base nas teses defendidas pelo nomeado professor no evento referido, a apresentar seu último livro publicado no Brasil, que representou uma reinauguração da abordagem de temas econômicos e sociais contundentes de interferência e importância marcantes para a administração e para a psicologia, em especial no caso da psicologia organizacional e do trabalho. A relatividade da conclamada aplicação eficiente desses conhecimentos para contribuir na evolução mundial e humana é uma questão que permeia o texto do autor e leva o leitor a uma

profunda reflexão sobre os lugares e as missões de tais conhecimentos, que nem sempre são aqueles atribuídos e conquistados ao longo do seu desenvolvimento. Consideramos, portanto, profícua uma discussão ilustrada do texto do livro resenhado a partir das palavras proferidas pelo próprio autor para uma maior proximidade das razões que o levam a desenvolver suas teses, bem como para se ter mais claramente limites e alcances destas. Todas as citações foram retiradas do livro ou se originaram na fala do autor durante o evento realizado na UFC. Estas estão apenas entre aspas e sem referência a páginas. A nossa intenção é mostrar concordância com muitas de suas posições e assegurar ao leitor da atual resenha que vale a pena se deter no conteúdo da obra resenhada para avaliar até onde chegamos com o conhecimento considerado essencial para o desenvolvimento dessas diferentes temáticas no mundo “pós-globalizado”.

Não se trata de tentar substituir a leitura própria do livro pelas ideias ora apresentadas, mas de lançar um olhar crítico e seletivo com a ajuda do próprio autor do livro que sirva de guia e estímulo de leitura dos curiosos e interessados no tema da obra original, cuja disponibilidade em português se deu em 2004, com a tradução de Maria Helena C. V. Trylinski de *La stratégie de l'autruche: post-mondialisation, management et rationalité économique*. Apesar de poderem muitas das ideias expostas ser submetidas a críticas por falta do decantado “rigor científico” em suas bases, é, como afirma Frederico Mayor Zaragoza, em seu prefácio (p. 13), por outro lado, também uma vantagem no que tange ao debate e à discussão conceitual na área:

Muitas críticas poderiam evidentemente ser feitas a uma obra como esta. Não se consegue, sem às vezes hesitar um pouco, concordar com a totalidade do que o autor desenvolve. Muitos aspectos de sua exposição mereceriam, alguns, um pouco mais de rigor, de demonstrações devidamente comprovadas, de indicações de fontes, de dados; outros aspectos, um pouco menos de tomadas de posição pessoais. Sim, e eu diria felizmente e tanto melhor que isso aconteça, pois muitos debates são abertos dessa forma e instigam reações.

O texto que segue traz ideias dos sete distintos capítulos que compõem o livro, nomeadamente, “O ‘economismo’ moderno, entre argumentos autoritários e evasivas (p. 45); “Uma história herética do pensamento econômico dominante, ou como se passou de Aristóteles a Michael Porter” (p. 57); “Sobre a economia tradicional, o ‘souk’ e o regateio e a ‘pseudonatureza’ do homo econômico” (p. 107); “Pequena história da mais-valia e da administração” (p. 127); “A

administração como casuística e a concretização da ‘traição crematística” (p. 143); “Onde as leis econômicas expostas por Marx juntam-se às ciências físicas e à termodinâmica” (p. 175) e “A economia-administração em face do humanismo: entre o empregado-recurso e o empregado-parceiro” (p. 205).

Ademais, o livro fecha com um texto à guisa de conclusão que interessa, especialmente, aos setores envolvidos com a formação de profissionais da área da administração e correlatas, intitulado “Rumo a outra análise da crise mundial e da pós-mundialização: sobre a cidadania das empresas e as escolas de gestão” (p. 229). Uma reflexão do que isso significa para temas contundentes das disciplinas administrativa e psicológica, como liderança e líder, pode ser apreendida do texto de sua autoria publicado no original francês na *Revista de Psicologia* da UFC: “Leadership et leader: une théorie collusoire autour de l’illégitimité du pouvoir du dirigeant en management de type US? discussion et déconstruction”<sup>1</sup>. Não pode deixar de ser mencionado o pós-fácio de autoria de Ramiro Cercos e Abdelkarim Errouaki<sup>2</sup>, “A nova economia-administração do professor Omar Aktouf” (p. 265), que nos convida a pensar com o professor Aktouf e seu livro sobre “a situação crítica na qual se encontra a humanidade na aurora do século XXI”.

Para o autor, há um paradoxo, enquanto reina o caos neste mundo. Fala de caos num mundo que vivencia uma excessiva má administração global, num mundo que nunca teve tantos diplomados em administração, o que termina por conformar uma correlação muito estranha. Por que temos tantos diplomados em administração e tudo continua tão mal administrado? A resposta a esta pergunta pode ser obtida no nível da economia, i.e., no nível do pensamento econômico porque o pensamento econômico dominante neoliberal está atribuindo um sentido, um

caminho, uma concepção, um paradigma a todas as outras disciplinas, sobretudo à administração e ciências correlatas como psicologia industrial, psicologia organizacional, comportamento organizacional etc. A primeira certeza é de que não há nenhuma vantagem competitiva num país se não há educação do povo. Quanto mais educado o povo mais capaz é a nação de obter vantagem competitiva. “Facilmente se chega a essa conclusão caso se vá até o Japão, que é a segunda ou terceira potência econômica e científica mundial, e onde não há nada além dos japoneses, sendo cada um deles mais culto, mais educado do que, digamos, todo um bairro de Nova York”. Isso se pode denominar vantagem competitiva. Outra certeza é de que o capitalismo financeiro do tipo dos EUA está morto, terminou. Nada, nada, nada de bom pode vir dos EUA agora, nada. Esta crise não é uma crise conjuntural, é uma crise estrutural, sistemática, sistêmica. É uma crise no sistema capitalista financeiro do tipo neoliberal. O que ali se produz teoricamente já não serve, pois se resume a propaganda sem valor científico. Tudo não passa de ideologia; tudo, até a psicologia, psicologia industrial, psicologia do trabalho, comportamento organizacional; a própria economia, a administração são produtos ideológicos, ideologia neoliberal que não corresponde à ciência. Por exemplo, quando se fala de líder no âmbito da psicologia industrial, vê-se esse líder como um produto americano, o *self made man*, conceito cunhado no âmbito comercial estadunidense, superficial e sem fundamentação científica. Tudo isso mostra o resultado da certeza da influência do pensamento econômico dominante, que precisa de conceitos como mercado, mercado livre, mercado autorregulado, mercado de trabalho, concorrência, motivação e empregabilidade. Deve-se, por conseguinte, mudar de maneira urgente e fundamental todos esses conceitos que não

levam a nada de novo nem resolvem problemas atuais. Deve-se pensar em perspectiva universal, porque no nível médio e local já não se pode fazer muito. A psicologia industrial, o comportamento organizacional e as escolas de administração mais conhecidas, por exemplo, a teoria da motivação formulada desde os ensinamentos de Elton Mayo, Mintzberg, Skinner etc., trouxeram pouca informação ou informação relevante. Ideias se repetem desde Mayo, Maslow e Mintzberg. Pergunta-se, portanto, o que tem sido agregado à teoria da liderança? A resposta seria praticamente nada! Também se pergunta o que se tem agregado à teoria da estratégia? A resposta é a mesma: praticamente nada! Desse ponto de vista pode-se afirmar que Michael Porter não contribuiu com nada importante. Através dele e de seus contemporâneos agregaram-se alguns termos como “estratégia de posicionamento”, “estratégia de formulação”, “estratégia de recursos”, “estratégia baseada em recursos”, o que tem pouca significância.

No fim dos anos 70 e começo dos 80 o pensamento porteriano, claramente inspirado na ideologia que orientou a condução das organizações, começou a influenciar os escritos, os ensinamentos, as práticas, as consultorias tanto em economia quanto em administração, para ganhar nos dias de hoje a esfera da “governança” dos Estados. Essa grande impregnação de seu pensamento torna Michael Porter um autor indispensável para quem quer compreender de onde provêm certas noções ou preconceitos implícitos, mas amplamente aceitos, na esfera política, bem como certo vocabulário que se implantou nesse meio, como por toda a parte aliás, e quais são precisamente os fundamentos teórico-ideológicos desse pensamento (p. 78).

Isso prova o que chamamos de repetição em média e micro-perspectiva da administração. Não se tem, portanto, agregado nada de novo em nível médio e micro e se constata uma repetição de teorias e conceitos da metade do século passado, o que já não nos serve. Não se podem agregar apenas palavras, modismos, e se ter a ilusão de melhorar ou aproveitar, dessa forma, as teorias. Não precisamos saber de técnicas, de procedimentos, de habilidades para mudar as coisas. Precisamos de novos paradigmas, novas concepções, em perspectiva macroeconômica e social, para mudar técnicas, procedimentos e teorias.

Vale, portanto, considerar a evolução do capitalismo financeiro e lançar um outro olhar na crise mundial. Para esse fim, o autor procurou fazer uma análise alternativa da evolução do capitalismo financeiro em três fases ou em três ciclos. Nessa perspectiva, afirma que a verdadeira cara da globalização não é bem aquela apresentada na propaganda oficial. Trata-se de uma crise mundial muito mal analisada pelo G7<sup>3</sup> e as medidas propostas pelos países que compõem esse grupo não passavam de falácias. Precisa-se criar um modelo alternativo para um verdadeiro desenvolvimento humano, uma alternativa ao modelo estadunidense.

Já no prólogo do livro (p. 29-43), o professor Aktouf afirma que se sobretudo a economia mas também a administração e os problemas corporativos não fossem mudados fundamentalmente, seria desencadeada uma crise mundial grave antes do primeiro quarto do século XXI. Apesar de o livro datar de 2004, essa observação já havia sido feita, nos idos de 1998, de forma pública. Houve críticas de jornalistas sobre a sua afirmação, pois para eles isso se aproximaria de uma adivinhação. Mas o professor Aktouf afirmou que tais pressentimentos não surgiam do nada, baseavam-se em suas leituras aristotélicas sobre

a economia: “Aristóteles analisou a questão econômica de maneira perfeita. Com Aristóteles se entende por que essa economia no modelo atual não pode durar, não pode continuar”.

Lembremos que Aristóteles considerava que, com a invasão da moeda e do *fetichismo* de que ela é objeto, todo produto humano teria sua finalidade física natural, até então destinada a um uso econômico, inelutavelmente deslocada para um uso *crematístico* desse produto. E alertava contra o desaparecimento consequência desta mudança, do vínculo que liga as atividades humanas de produção à comunidade e ao *oikos* (p. 145).

O século XX é o fim desse tipo de economia. Então aconteceu a nomeada crise mundial em 2008. Muito mais cedo do que imaginava o autor. “Por que Aristóteles? Aristóteles no quarto século a.C., na política e, sobretudo, no livro sobre macroeconomia, analisou tudo o que pode ocorrer com a economia quando não se cuida das finanças e do que está acontecendo no mundo”. No cenário mundial da atualidade há um crescimento desgovernado da economia que gera esses tipos de crises pelas quais estamos passando.

Aristóteles escreveu para se tomar cuidado, que a economia é uma utopia, economia é uma palavra que veio de duas palavras, *oikos* e *nomos*. *Oikos* quer dizer comunidade, e comunidade seria harmonia com natureza, pois sem a preservação do ambiente e sem a natureza a comunidade humana pereceria. Isso significa ter valores e ideias ecológicas. *Nomos*, por seu turno, quer dizer norma ou regra. Então a palavra economia quer dizer, etimologicamente, como conviver bem homem e/com natureza.

Esse seria então, segundo Aristóteles, o verdadeiro significado da palavra economia. Outro termo aristotélico muito utilizado pelo autor, a *krematística*, serve para sua abordagem diferenciada da economia no sentido original e atual. Pode em sua etimologia sustentar o que se entende por “boa” e “má” economia. “O que significa então a *krematística*? *Krematística* é a união de duas palavras gregas, *krema*, dinheiro, e *atos*, que quer dizer acumular. Daí nos ter advertido Aristóteles de não deixá-la vencer, substituir, eliminar, matar a economia, entendida como uma norma em conformidade com a natureza”. Segundo Aktouf, os livros de economia têm princípios questionáveis porque não são realmente sobre economia, são sobre *krematística*, o que não é a mesma coisa.

Aristóteles via um perigo que vem da moeda com seus dois lados, um bom e um ruim. O lado bom é que a moeda é livre para o intercâmbio universal, para fazer intercâmbio, comércio etc. O lado ruim, um lado terrível, um lado destruidor é a ilusão de se poder acumular de alguma maneira infinita. Aristóteles já dizia na sua época para se ter cuidado com a moeda, pois ela é uma coisa que pode dar aos seres humanos a ilusão de poder acumular algo de uma maneira infinita. Nosso mundo é finito, nada é infinito, nada, então não se pode fazer infinitamente dentro do finito, não se pode, é uma loucura! Tudo vem como crise, crise clara e gravíssima antes do primeiro quarto do século XXI e já estamos em crise mundial, e ainda não terminou. Não se sabe o que fazer com essa crise mundial do sistema financeiro, não se sabe o que fazer, não se sabe como sair dessa crise.

Aktouf se apropria do pensamento de Léon Courville que, na sua visão, poderia repensar, outros modos, a economia fracassa dos moldes atuais e,

acrescentaríamos, que também poderia ser absorvida no âmbito da formação de futuros administradores, economistas e profissionais de áreas afins, coerentemente com as necessidades da economia no seu estrito senso aristotélico (p. 184-185):

Hoje estamos todos confinados em uma gigantesca clausura, um mercado único *que não cresce*, onde o desafio não é mais crescer mas arrebatar do vizinho um quinhão de seu lugar ao sol [...].

Todos os concorrentes lutam em um *mercado que quase não cresce mais*, eles não conseguem senão trocar ou roubar clientes uns aos outros.

Entramos em um jogo cujo resultado é nulo [...] para cada ganhador há, presente-mente, um perdedor. *Nossa antiga concepção de economia encontra-se inteiramente subvertida*.

[...] Georgescu-Roegen retoma esta ideia quando explica que *a terra está em situação de entropia*: ela se fecha sobre si mesma e se contrai, como resposta a uma tendência de degenerescência.

A descoberta do petróleo foi uma centelha que *desacelerou a entropia* [...].

*A abundância de energia era a chave do crescimento* [...]. Vários governos lançaram projetos muito ambiciosos (para dominar novas formas de energia, menos caras e mais abundantes). Em vão: o custo não baixou. Pode-se mesmo perguntar [...] *se os custos desta busca por novas fontes de energia não foram superiores aos benefícios alcançados*.

A entropia se recupera e *nossa visão de uma economia mundial em crescimento contínuo não corresponde mais à realidade*. Nós não sabemos mais como interpretar o que está acontecendo.

Em um mundo *em que não há mais crescimento*, encontrar novos mercados beira a utopia.

A teoria da relatividade nos ensinou que a posição do observador influencia sua percepção do universo. *O ensino tradicional de gestão, as referências da antiga economia nos fizeram acreditar que tal relatividade não existia [...]*. Não somente existe a ilusão de ótica como a maneira de olhar o universo muda o universo observado.

Léon Courville admite aqui explicitamente – mas sem chegar, é claro, às últimas conseqüências no que toca às implicações de sua evocação das noções da termodinâmica – a necessidade, daqui para a frente inescapável, de recorrer em economia às lições da física. Tais propósitos dispensam comentários, salvo para que se constate o quão decisivos eles são no que toca àquilo que os economistas da segunda metade do século XX nos arrastaram e quão grande é a confusão no pensamento econômico contemporâneo para que um economista e administrador formado em um dos ambientes mais importantes do conservadorismo atual não hesite em recorrer, em desespero de causa por assim dizer, a conceitos da física, como a entropia ou a relatividade, para tentar compreender os problemas contemporâneos.

A estagnação e, em seguida, o declínio do crescimento e dos mercados de que fala L. Courville não são, efetivamente, senão um modo diferente de constatar a impossibilidade de imaginar um universo, como o dos economistas, que negue impunemente o caráter constante da energia disponível [...] e o sentido único e irreversível da transformação dessa energia – sua degradação de um estado útil para um estado inútil [...].

Essa é a verdadeira revolução do capitalismo.

Não é o gênio americano, não é o gênio de vantagem competitiva dos EUA, não é um gênio de estratégias que fazem uma aplicação da teoria de Michael Porter vantagem competitiva.

A crítica aktoufiana sobre os rumos dos ensinamentos econômico, administrativo e psicológico e das suas respectivas teorias, pesquisas e aplicações se baseia nos seus produtos e na sua ineficácia universal. Para o autor, se estudam, por exemplo, *business* ou psicologia industrial em um mundo que não tem nada a ver com o mundo de Mintzberg, nem com o mundo de outros autores cultuados na administração, na psicologia industrial, na economia. Pergunta em que planeta estaríamos vivendo para fazer essa teoria de vantagem competitiva, das cinco forças etc. Estaríamos para isso num planeta onde não há máfia, oligopólios, monopólios, corrupção, corruptores, onde não há multinacionais que controlam o governo? Onde não há mentiras políticas construídas para se conquistar objetivos espúrios? E conclui que um mundo desses só existe em certos livros didáticos, em romances e no discurso falacioso de certos governantes. A mentira como arma política é a primeira característica do fascismo e do nazismo. Da história exemplifica, nesse contexto, como Hitler se utilizou de mentiras e mentiras para atacar a Polônia e depois a Iugoslávia e a Bélgica. Ademais, acrescenta ao seu questionamento quantas mentiras foram provadas das que Washington e George W. Bush usaram para atacar o Afeganistão e o Iraque. Aponta como uma segunda característica do fascismo a construção do Outro como uma ameaça absoluta a sua própria identidade. A terceira característica é por ele resumida como a banalização do mal e do sofrimento em geral.

[...] Esses dois termos – mundialização e crise mundial – sozinhos ou combinados com as transcendentais leis do mercado

justificam praticamente tudo de agora em diante, da retração dos Estados (chamada ora de liberalização, ora de democratização, ora de desregulamentação) aos comportamentos mais desumanos de dirigentes de empresa que perderam todo o sentido de medida e de decência, a ponto de chegar a tratar os humanos como puros e simples acessórios secundários para a manutenção do lucro, dos dividendos e da sobrevivência do capital (p. 230).

Não deixa de incluir entre as técnicas administrativas perversas aquelas que vão em um *continuum*, como reengenharias e *dowsizings*, fusões e aquisições, privatizações e terceirização, que significam a prática diária de verdadeiros crimes contra a humanidade, cometidos para garantir o capital e um lucro cada vez mais difícil de assegurar sem lançar, um pouco por toda a parte, trabalhadores ao desemprego aos montes. “Está-se aceitando o inaceitável, está-se tolerando o intolerável” (p. 230).

Afirma que essas intervenções são práticas administrativas modernas que tornaram o inominável em banalidade: “Há vinte anos, quando uma empresa anunciava que ia demitir 500 empregados, era uma catástrofe, os jornais políticos também chamavam isso de catástrofe. Agora, se a General Motors anuncia que causará 30 mil desempregos isso é visto apenas como uma banalidade”.

Há necessidade de se desenvolver uma clara consciência do mundo atual e desses fatores históricos que ajudam a compreendê-lo. Este mundo onde vivemos é o mundo onde futuros profissionais vão trabalhar nas suas organizações, sejam eles psicólogos, administradores, economistas etc. Este não é o mesmo mundo que se trata nos livros que vêm dos EUA; é um mundo totalmente diferente. Isso exige,

segundo o autor, uma nova reflexão sobre negócios, sobre as maneiras de fazer negócios, fazer *business*. Não seria suficiente buscar uma vantagem competitiva, uma vez que esse mundo correspondente a essa estratégia de fato não existe. Motivação dos trabalhadores para mobilizar uma cultura organizacional a partir do resultado do pensamento dos estrategistas, sem considerar a consciência dos trabalhadores. Deve-se questionar, portanto, se esse mundo existe, como ele se estrutura e onde está. Se ele existe, pergunta-se onde e como se coloca a crise nesse mundo?

Ainda no âmbito de sua fala na nossa universidade, o autor traz argumentos que podem ser utilizados como conclusivos para o próprio livro resenhado:

[...] mas tenho muitos problemas com os ricos e com a riqueza que se acumula através de uma forma idiota de enriquecimento, estupidamente, ou seja, enriquecer causando desempregos, porque esses desempregados não vão comprar o que está sendo produzido! Enriquecer-se fabricando pobreza é idiotice! Enriquecer-se contaminando a natureza é estúpido! Então a riqueza só vale a pena se for inteligente. A pergunta verdadeira não é *How to make money*, a pergunta inteligente e verdadeira deveria ser *How to make smart money*, como fazer dinheiro inteligente sem contaminar, sem provocar pobreza, sem fabricar desemprego, isto é, enriquecer inteligentemente, mas fazer riqueza e não dar a vitória à krematística. Agora a chamada crise mundial, crise sistêmica, não é cultural, mas o arranjo oficial que está sendo trabalhado a seu respeito é para que seja vista como uma crise conjuntural, de crescimento e para que se tenha a impressão de que tudo vai voltar a ser o que era antes. Mas essa é de fato uma crise dos EUA e não uma crise mundial, é uma crise do tráfico,

da bolsa, dos maus homens de negócios dos EUA. Como pode durar um sistema que vai contra as leis da natureza? Uma das soluções é, portanto, sacar conceitos para entender por que esse sistema não funciona, conceitos que vêm de outras ciências, como biologia, física etc. Outra solução é o equilíbrio entre capital, trabalho e natureza. Nesse caso se questiona porque o capital deve ser o imperador que tem todos os direitos enquanto trabalho e natureza não têm direitos, o que leva a natureza a ser tratada como estoque gratuito de recursos. Os seres humanos são, nessa perspectiva, também tratados como recursos, que podem ser utilizados e jogados fora, não havendo equilíbrio. O trabalho e a natureza deveriam ter o mesmo poder do capital e conduzir a uma economia sustentável. A conclusão para tudo isso é que a busca da riqueza não é o problema, o problema mesmo é reconhecer os limites nessa busca: quando o aumento de minha riqueza implicar a contaminação da natureza, a sua exaustão *ad infinitum*, se a minha riqueza implica o aumento do desemprego e, conseqüentemente, a construção de universo de pobreza a seu redor, trata-se de uma riqueza estúpida, idiota e má para o homem e para o planeta.

## Notas

- 1 *Revista de Psicologia* da UFC, volume 1, n. 2, julho-dezembro de 2010.
- 2 Respectivamente, professor da Universidade Politécnica de Madri e conselheiro especial da *École des Hautes Études Commerciales*, Montreal, Canadá.
- 3 Grupo dos sete países mais ricos do mundo, integrado pelos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido, França, Alemanha, Itália e Japão.

(Recebido para publicação em fevereiro de 2011. Aceito em fevereiro/11).